

THAMARA SILVA PEREIRA

BELISÁRIO

**UM RECORTE DA SOLIDÃO NO INTERIOR DE MINAS
GERAIS**

Memória do projeto final apresentado ao curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Final em Jornalismo.

Orientadora: Érika Bauer

Brasília - DF

Faculdade de Comunicação da UnB

1/2013

Thamara Silva Pereira

BELISÁRIO

Um recorte da solidão no interior de Minas Gerais

Projeto Experimental apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como exigência parcial para a aprovação na disciplina Projeto Final em Jornalismo, sob a orientação da professora Érika Bauer.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Maria Letícia Renault C. Abreu e Souza

Prof. Carlos Henrique Novis

Prof. Paulo José Araújo da Cunha (Suplente)

Presidente da Banca: Prof. Érika Bauer de Oliveira

Brasília - DF

Faculdade de Comunicação Da UnB

1/2013

Resumo

O presente memorial tem o objetivo de registrar a produção do projeto experimental *Vidas que ficaram tão sós*, em formato de documentário. O produto buscou transpor para o suporte audiovisual aspectos que envolvem o cotidiano, as relações sociais de pessoas que vivem em Belisário, distrito de Muriaé, na Zona da Mata Mineira. Valeu-se, para este fim, de embasamento teórico fundamentado em pesquisas audiovisuais e sociológicas, assim como relacionadas à produção de documentários e suas classificações.

Palavras-chave: documentário, Belisário, solidão, migração, Minas Gerais.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a meus pais e irmã pela paciência e liberdade, que fizeram possíveis as minhas escolhas. Agradeço à professora Érika Bauer pela paciência na orientação, que tornou possível a conclusão deste produto. Agradeço aos professores da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília pela imensa contribuição à minha formação, em especial Sérgio Sá, Paulo Paniago, Leticia Renault, Paulino e Sergio Ribeiro. Agradeço aos funcionários dedicados Rogério, Júnior, Edson, André e ao diretor da FAC, David Renault. Agradeço aos amigos que apoiaram este projeto, em especial Fred, Matheus e Ciro, aos moradores de Belisário pela hospitalidade, pelos cafés passados e por abrirem as portas de suas casas e de suas vidas para contarmos essa história. Finalmente, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

*“Partiste...
Mas a alegria ainda ficou no quarto,
talvez no ninho morno, calcado por teu corpo
no leito desfeito...”*

Guimarães Rosa

Sumário

Introdução, 7

Problema, 8

Justificativa, 9

Objetivos, 10

Referencial teórico, 10

Metodologia, 14

Conclusão, 16

Filmografia, 17

Bibliografia, 18

1. Introdução

O produto em questão apresenta recortes do cotidiano de moradores de Belisário. Na zona da mata mineira, o distrito faz parte do município de Muriaé e está localizado a aproximadamente 35 quilômetros deste. Pertence, ainda, à região do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Possui em seus arredores algumas cachoeiras e o Pico da Itajuru, um dos pontos mais altos da região.

A escolha pelo assunto e lugar se justifica no meu âmbito pessoal. Nasci em Muriaé e sempre tive contato com o distrito de Belisário, onde passei grande parte da infância. Assim, percebi o impacto da migração na vida dos que ali ficam. Nas visitas aos avós, percebia como era doloroso o momento da partida. Por conhecer tantas pessoas e histórias interessantes no lugar, senti a necessidade de dar voz àquelas vidas e tentar transmitir a outras pessoas as impressões e experiências que esse contexto me proporcionou. A partir disso, o documentário não tem a pretensão de realizar uma pesquisa a respeito da migração no lugar e sim transmitir sensações particulares relacionadas à questão.

O trabalho tem a proposta de se concentrar na população local, estimada em 5 mil pessoas, porém representada por 5 personagens escolhidos. Por meio de um documentário de curta-metragem, o trabalho se debruça sobre o movimento migratório em Belisário e suas conseqüências nas relações sociais e familiares. Isso retratado por um viés incomum: a partir do ponto de vista de quem permanece no local. Com o produto, pretende-se também contribuir para a consolidação da produção audiovisual no município e preservação da memória local.

Estruturado a partir de relatos de personagens de três núcleos familiares, o documentário cede espaço para a projeção do cotidiano, afeto, trabalho, referência e visões dos moradores de Belisário. É possível, ainda, notar que aspectos como expressão de sentimentos e maneira de lidar com o cotidiano diferem do que se costuma perceber em centros urbanos.

A fotografia do documentário é privilegiada pela estética natural do lugar. A presença de morros verdes e forte neblina concedem um aspecto de isolamento. Os planos fechados em personagens são contrastados com planos abertos de paisagens. Procura-se, em todo o documentário, manter esse equilíbrio.

A intenção do documentário não é representar pessoas específicas, mas relatar experiências que são comuns e compartilhadas por muitos do interior rural de Minas Gerais e, em alguns casos, de qualquer parte do mundo. Desse modo, espera-se gerar empatia com espectadores não inseridos no contexto específico retratado no produto audiovisual.

2. Problema

A inquietação para este trabalho foi despertada durante a disciplina de Pré-projeto Experimental em Jornalismo, quando, inicialmente, a autora faria um livro-reportagem, mas mudou sua ideia devido ao contato recente com a produção audiovisual por meio de cursos, oficinas e disciplinas cursadas na área, o que acordou interesse pelo formato de documentário e suas possibilidades de representação da realidade.

A partir disso, a autora passou a assistir a documentários, sobretudo brasileiros, e a tomar conhecimento de técnicas de realização audiovisual. Também deu início a um levantamento bibliográfico a respeito de teorias sociológicas e características do interior de Minas Gerais, assim como aspectos migratórios da Zona da Mata Mineira.

Após essa primeira etapa de pesquisa, a autora viajou para o distrito de Belisário, onde conversou com diversas famílias a respeito do cotidiano no lugar e pôde vislumbrar as possibilidades de um documentário de dimensão compatível com as informações levantadas. Com esses dados, passou a autora a se questionar sobre o problema deste trabalho: “De que maneira realizar um documentário sobre a solidão nas famílias de Belisário atualmente?”.

Na busca pela resposta dessa questão, outras perguntas específicas do assunto surgiram. “De que forma a solidão das personagens é diferente da solidão de outras pessoas?”. Uma vez que diversos aspectos, seja geográficos – como a distância da cidade, o isolamento na roça – seja culturais – como os valores perdurados das famílias de Belisário – diferenciam e permitem com que esse sentimento universal possa ser abordado na forma específica do lugar.

Por se tratar de uma população com forte tendência migratória, já que muitos jovens partem dali em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos,

inquietou outra questão: “Até que ponto o fato de morarem em um pequeno distrito cria a cultura da ausência?”. O que a autora chamou de “cultura da ausência” é o fato, recorrente no lugar, de belisarenses que partiram para outros locais e têm o costume de voltar à passeio para visitar familiares, principalmente os pais. Esse cotidiano solitário de quem ainda mora no lugar favorece o costume marcado pela espera dos filhos e parentes, marcado pela ausência.

Outras perguntas relacionadas impulsionaram inicialmente a feitura do documentário: “Qual o impacto da migração nas relações sociais dos indivíduos que permanecem em Belisário atualmente?”, “Os pais incentivam a migração dos filhos para a cidade?”, “O apego familiar é um motivo importante de permanência ou retorno ao lugar?”, “O que motiva a permanência no local?”, “Como a vida das pessoas muda e se reorganiza com a partida de pessoas queridas?”.

A autora também se deparou com questões relativas à realização do documentário. “Como abordar as personagens nas entrevistas de modo a conduzir a conversa para esse tema?”, “De que forma entrar no cotidiano das personagens sem uma postura pré-estabelecida?” e “Como relacionar os três núcleos de personagens de maneira a sustentar uma linha única na história?”.

Em um plano mais amplo, inquietou também outra questão relacionada ao público que irá consumir o produto. A autora se preocupa em fazer com que a história de pessoas do interior de Minas Gerais se tornasse identificável por outras pessoas de diferentes lugares.

3. Justificativa

A cultura, cenários naturais e riqueza humana da zona rural de Muriaé são pouco difundidas no cinema. O município precisa produzir suas próprias narrativas audiovisuais e torná-las visíveis ao público externo. O documentário irá atingir um público que não conhece a realidade dos distritos de Muriaé e sua abastada constituição cultural, além de ser um instrumento essencial na preservação da memória local. Os próprios muriaeenses são carentes de material relacionado ao âmbito rural da cidade e, por ocasiões, desconhecem o patrimônio que possuem.

O processo de identificação por meio narrativa cinematográfica é extremamente eficiente em promover nos indivíduos o reconhecimento como parte de um fenômeno social importante. “Na sociedade contemporânea, olhar-se na tela é fundamental para se reconhecer como cidadão” (SOUZA, 2008, p. 99). Uma vez que o sujeito distingue seu universo no vídeo, por meio do espaço onde vive, ocorre uma aproximação com o lugar. Mais do que isso, o documentário dá voz a essas vidas que nem sempre encontram projeção e contribui para a valorização e autoestima do lugar e, indiretamente, de outros tantos lugares do interior do Brasil.

A narrativa tem um enfoque diferenciado. Muito se fala na literatura, no cinema e na academia sobre movimentos migratórios e as mudanças que acarretam. Porém, o tema será destrinchado sob uma ótica inversa, a partir de quem permanece no local de origem e das relações sociais que o sujeito migrante possui e afeta com a sua partida.

4.Objetivo

Geral

Elaborar um documentário que verse sobre o cotidiano e as relações sociais de indivíduos que moram em Belisário, distrito de Muriaé, Minas Gerais, atualmente.

Específicos

Mostrar o interior de Minas Gerais, especificamente zona rural de Muriaé, o que há de tradição interiorana e o que diferencia esse lugar do interior de outras regiões, em um país predominantemente rural como é o Brasil.

Estimular a atividade audiovisual do município, contribuindo para a expansão de sua produção e difusão.

Dar voz e projeção aos indivíduos, fortalecendo a identidade cultural do lugar.

5.Referencial Teórico

Belisário é o distrito mais populoso de Muriaé. O local tem cinco mil habitantes e, aproximadamente, 700 casas distribuídas entre 30 ruas. A principal atividade econômica é a cafeicultura, o que faz com que a maioria das famílias esteja ligada a esse ramo e às suas variações. O distrito se localiza 52 quilômetros a oeste de Muriaé. O local atrai turistas em razão do Pico do Itajuru, fauna diversificada, muitas cachoeiras e festas típicas, como a Cavalgada e Fabel (Feira da Amizade de Belisário).

Minas Gerais esteve, durante muito tempo, na posição de perdedor de população, principalmente em razão de fluxos migratórios para São Paulo e Rio de Janeiro. Pesquisas sobre a dinâmica demográfica da Zona da Mata mineira entendem a região como um espaço característico de evasão populacional.

Mesmo com a diminuição no ritmo da migração na região, verificada a partir da década de 80 até os dias de hoje, a mudança para centros urbanos é um fator que permeia intensamente a cabeça dos jovens do campo e traz mudanças significativas à ordem das famílias do interior de Minas Gerais.

O êxodo rural é um tema bastante explorado por nossas pesquisas, filmes e literatura. Partindo desta visão, o presente documentário procurou fazer o caminho inverso e mostrar as mudanças na vida de quem fica, quando o outro vai embora. Quando um membro da família migra do local, provoca diversas alterações na estrutura e rotina do lar, tanto de ordem econômica como cultural e psicológica.

De acordo com LISBOA (2008), em pesquisa sobre a dinâmica demográfica de pequenas cidades da Zona da Mata mineira, um dos fatores de maior destaque entre os motivos para permanência no local de origem é o apego à família. A importância da presença familiar também é um dos principais motivos da migração de retorno.

A partir desse fenômeno, é possível notar a relevância da estrutura familiar na decisão entre possível migração e não-migração. Assim como para o migrante a distância dos familiares é apontada como um fator negativo, entende-se que, para a família que permanece no local, esse é um fato que carrega muitas mudanças.

A decisão entre migrar e não migrar está envolvida em uma reflexão sobre fatores econômicos, sociais, psicológicos etc. A decisão de migrar parece ser resultante

de uma acumulação de muitos temores e esperanças, da interação de muitas forças coletivas, como afirma Lisboa (2008, p. 87):

A decisão pela migração pode estar associada a diferentes aspectos vivenciados no local de origem e a uma expectativa de melhoria no local de destino. As desigualdades econômicas espaciais impulsionam significativamente a população a buscar locais com maior desenvolvimento, ampliando o interesse dos migrantes pelas áreas e setores mais dinâmicos.

Observando produções culturais ambientadas no interior, é possível perceber que levam o hábito de reforçar a representação idílica, o campo como um lugar imaculado e ideal. Esses caminhos são evitados no documentário. A narrativa procura focar na história real das personagens, suas angústias e forma de lidar com elas, que tem um modo muito peculiar de se fazer, muitas vezes baseado em valores anosos e consuetudinários. O filme investe no retrato psicológico das pessoas, no que elas têm vontade de dizer e mostrar, assim como na cultura que as rodeia.

Usando a tipologia de Bill Nicolls (2005), o presente documentário tem características do estilo observativo quando do registro de atividades e costumes, revelando o dia-a-dia do que se filmou. Traz características do estilo interativo, pois está fundamentado nas entrevistas conduzidas pela diretora que não aparece fisicamente, mas sua presença, assim como a da equipe, pode ser notada por meio dos testemunhos das personagens direcionados à diretora. Por fim, carrega traços do documentário poético, principalmente quando retrata as paisagens do lugar, no arranjo de planos, cores, música e movimento, no desígnio de causar nos telespectadores uma impressão poética.

Documentaristas brasileiros foram a principal referência na produção deste produto. A influência primordial parte de Eduardo Coutinho e João Moreira Salles. O primeiro pelo método de rejeitar planejamento, pela sabedoria no entrevistar - sabe a hora de falar e a hora de calar -, o segundo pela poética e desconstrução da realidade e ambos pelo pensar no fazer documentário, a construção metalinguística do produto.

Coutinho diz que “o tema de um documentário não tem a menor importância. Pode ser pasta de dente ou a vida de Jesus, é tudo igual. O problema é como fazer”.

(BRISOLLA F. 'Filme de sucesso traumatiza'. Folha de S. Paulo, Rio de Janeiro, 24 nov 2012. Ilustrada).

Em *O Fim e o Princípio* (2006), Coutinho opta pela transparência ao registrar no próprio documentário os detalhes e percalços da produção do filme. Logo no plano de abertura o narrador informa que o filme parte somente de uma ideia - projetar o cotidiano em uma região do sertão nordestino. Não há, portanto, pré-produção. Nada de entrevistas agendadas. Nem ao menos há locais de filmagem selecionados. O desenvolvimento de *O Fim e o Princípio* é todo baseado nas relações espontâneas criadas durante a própria filmagem. Esse conceito foi fundamental para nortear o presente trabalho. Ao se deslocar para o interior mineiro com equipe, a estudante-diretora teve em mente que seria interessante deixar o documentário ser conduzido pelo próprio andamento, em detrimento de se ater a um tema e investigá-lo até o fim. De acordo com BAUER (2013, p. 25) “o documentarista, cúmplice do seu tema, cria uma linguagem adequada para construir um discurso que nasce justamente do encontro entre o ele e o seu objeto”.

A partir dessas questões, a autora deparou-se com um conflito: as noções escolhidas de certa forma vão de encontro à formação jornalística que recebeu, em que a informação clara e precisa é essencial. Na realização do documentário de inclinação poética, a autora percebeu que o “não dizer” tem um papel muito importante, uma vez que instiga a imaginação do espectador e não delimita a história, fazendo com que cada um possa dar-lhe os contornos de acordo com a visão de mundo que possui.

Em *Santiago* (2007), foi possível captar o conceito de metalinguagem e ilusão de realidade no cinema documental. Assim como o filme de João Moreira Salles, este produto também buscou refletir a realização do próprio filme e as relações de influência entre documentarista e personagens. Todos os entrevistados foram arguidos sobre estarem à vontade e espontâneos mesmo diante de equipamentos de filmagem.

Podemos perceber a influência de Salles no produto a partir de cenas que no documentário tradicional não caberiam, como a cena em que o personagem José não se dá conta de que está sendo filmado e, quando vê a câmera, vira de costas, em uma postura de rejeição. Esse momento é um exemplo do conflito que é fazer um documentário, uma vez que retratamos pessoas reais. Filmar suas casas, conversar sobre

suas vidas é, de certa forma, uma invasão. É preciso ter sensibilidade para reconhecer as fronteiras do outro e estar o tempo todo se perguntando sobre as ações desempenhadas nessa relação.

A representação da realidade nesse formato é algo que inquieta e traz questionamentos pessoais e éticos. Não se buscou como fim mostrar a verdade final sobre um tema, isso está claro no subtítulo, que denomina o produto como um “recorte” do cotidiano solitário das personagens: é o que se depreendeu a partir deste encontro específico e não a realidade em si.

A relação entre ficção e documentário, entre o que é representação e o que não é, entre o que o diretor quer e o que o entrevistado diz ou reinventa, é a grande força daquilo que pode se tornar semente para perceber o ser humano e a realidade tão contraditória. Não interessa aqui a verdade única, mas a que se depreende no processo do encontro, a linha tênue que separa a ficção do documentário, a perda da ingenuidade com relação à possibilidade de uma representação da realidade. (BAUER, 2013, p.21).

6. Metodologia

A linguagem escolhida foi o audiovisual e o formato, documentário. Esse acerto permite captar de forma mais expressiva os elementos culturais e sociais do local, especialmente por ser contada a partir de relatos dos próprios belisarenses, valorizando a tradição oral do interior de Minas Gerais.

A ideia inicial, de explorar um tema e tentar contar a história a partir dele, deu lugar ao compartilhamento da condução narrativa, uma vez que a autora optou por não se amarrar a um tema em forma de pesquisa a ser apresentada no filme, e sim tentar captar aquela experiência por si só, deixando com que o tema aparecesse espontaneamente ao longo da realização. As personagens, a equipe e o lugar se tornam todos, assim, autores dessa história.

A partir do tema central, o filme desvenda um contexto maior. Mostra o interior de Minas Gerais, especificamente zona rural de Muriaé, o que há de tradição interiorana e o que diferencia esse lugar do interior de outras regiões, em um país predominantemente interiorano como é o Brasil.

Opta-se por falar a partir do ponto de vista das personagens do lugar. O documentário não recorre a especialistas nem acadêmicos, visto que o objetivo é a aproximação do ambiente e da intimidade das pessoas e não analisá-las sob uma visão externa de caráter exploratório. Buscou-se reunir, por meio das conversas, elementos que inquietem no espectador uma pluralidade de ideias para a reflexão das questões levantadas no trabalho. Essas reflexões partem menos de argumentos e fatos do que de detalhes que escapam espontaneamente nos diálogos, expressões e cenários. Para atingir essa proposta, foram escolhidos personagens de perfis diferenciados, com maneiras diferentes de conduzir a vida, mas que se encontram em diversos pontos.

O interessante é perceber que os indivíduos filmados não precisam necessariamente ser bons contadores de história. Acompanhá-los durante certo tempo lhes dá uma existência cinematográfica que não se restringe ao que eles vão dizer, mas àquilo que vamos apreendendo deles, sensivelmente. O envolvimento acontece à medida que penetramos na intimidade de olhares, de pequenos gestos que configuram uma forma afetiva de se relacionar com o universo dos personagens. (BAUER, 2013, p.22).

Elementos como sotaque, modo de falar, expressões e gestos são valorizados e importantes para conferir personalidade ao vídeo. O enfoque dado rejeita qualquer tipo de estereótipo ou visão pejorativa. O documentário valoriza o cenário, a casa típica de zona rural, com fogão à lenha, as estradas de terra, as montanhas, criação de animais, e demais elementos presentes na paisagem do lugar.

A trilha sonora original é parte extremamente importante. Por meio dela, pretende-se conduzir o espectador ao ambiente e dia-a-dia vivido pelas pessoas da região. Para este filme, um estudante de música da Universidade de Brasília se propôs a compor a trilha sonora original e o fez com uma maestria surpreendente, porém as músicas não se encaixavam com as cenas por mais alterações que fossem feitas. Visto isso, a diretora decidiu como solução selecionar outras músicas de artistas populares brasileiros, como Lupicínio Rodrigues, Milton Nascimento, Renato Teixeira, Gilberto Gil e Marcelo Camelo. Para escolha das canções, a estudante usou como critério a intenção de remeter aos sentimentos dos personagens e ao ambiente interiorano de forma que não fosse óbvia e redundante. Por fim, a trilha deve expandir o significado das imagens e não reafirmá-lo. (Rodríguez, 2006)

A intenção foi realizar conversas espontâneas e não entrevistas engessadas. O objetivo é trazer quem assiste para dentro da casa das pessoas, como se estas lhes contassem a história diretamente. Os depoimentos foram captados em externas, não havendo nenhuma gravação de estúdio. A intenção clara é a de rejeitar a artificialidade, aproximar o telespectador do ambiente e retratar o lugar, captando as atividades cotidianas do distrito, interferindo o menos possível nas mesmas. (LINS, 2008)

Apesar da busca por representar a realidade, o documentário está carregado de subjetividade, pois é realizado a partir do ponto de vista da diretora, traz suas opções por determinadas composições de quadro, abordagem nas entrevistas, opção estética, dentre outros elementos, como explica Geraldo Sarno (1984, p.61):

Transformar todas as etapas de realização de um filme documentário em etapas realmente criadoras, liberando a subjetividade e assimilando a invasão inesperada do real. (...) De qualquer maneira, a subjetividade, assumida ou não conscientemente pelo realizador, impõe suas regras mesmo quando este busca a objetividade.

Foi usado como referência de abordagem nas entrevistas e de montagem, os documentários *Vou rifar meu coração* (2011), de Ana Rieper, e *O Fim e o Princípio* (2005), de Eduardo Coutinho, por apresentarem semelhanças no estilo das personagens, nas locações em cidades interioranas e, por vezes, nos temas retratados. *Vou rifar meu coração* capta depoimentos extremamente espontâneos e ambientados em espaço informal. As personagens falam para a câmera, mas seu depoimento também é usado em *voice over* (ou *off*), coberto por imagens do seu cotidiano, para não se perder na imagem cansativa do entrevistado falando para a câmera. *O Fim e o Princípio* é um documentário que não tem um tema condutor, é focado na experiência do contato com moradores do interior do nordeste, que contrastam a simplicidade de seu cotidiano com os temas complexos de que falam, como solidão e morte.

O documentário não tem narrador, o testemunho dos entrevistados conduz a narrativa. A ideia é que a imagem sintetize a intenção da cena. A partir disso, estas ganham maior importância, visto que não têm só a função de ilustrar, mas devem, por si só, apresentar um significado.

Partindo da análise de Almeida (2006), as entrevistas foram captadas de três formas distintas: a) as personagens falam diretamente à diretora, b) as personagens conversam entre si, c) as personagens falam em meio à ação que desempenham no cotidiano.

O documentário busca um tom pessoal, intimista, rejeitando o estilo expositivo. Usa o recurso da iconografia ao mostrar objetos típicos da zona rural, como rádio de pilha, fogão à lenha e retratos antigos. (DOMINGUES, 2012)

7. Conclusões

Ao comparar ideias iniciais e resultado do produto é inevitável notar o quanto o trabalho tomou direções antes não cogitadas. De início, idealizava-se retratar a vida dos moradores de Belisário somente pelo viés da migração. No entanto, a estadia no local, o processo de filmagem e as entrevistas conduziram a uma abertura de leque no assunto. Percebeu-se, afinal, que havia a oportunidade de, para além de tratar da saudade, registrar um recorte do cotidiano solitário, as expressões de afeto e o que mais os personagens quisessem expressar.

Durante o percurso do documentário, não foram poucos os momentos de dúvidas quanto à angulação que deveria conduzir o filme. Interrogações a respeito do enfoque foram recorrentes. O processo de montagem foi dando mais solidez ao tema e apontando a direção mais precisa para os fins procurados. Na edição é que foi possível enxergar que filme seria esse, que tom teria e que emoções provocaria.

A abertura e flexibilidade para permitir que o documentário seja conduzido por outros caminhos talvez seja a mensagem que ficou em evidência para a estudante. O objetivo inicial do produto foi representar os impactos da migração nas realções sociais de moradores do distrito de Belisário, em Muriaé (MG). Isso por meio de um documentário em curta metragem. Apesar de tratar de três núcleos familiares em um lugar específico, a intenção do trabalho é ser amplo e gerar empatia e identificação em diferentes públicos, entendendo-se que o interesse pela temática da solidão é comum a muitos indivíduos.

A autora considera que o resultado do trabalho é positivo e útil enquanto registro acadêmico e audiovisual. Pensa também que tanto o objetivo principal como os específicos foram atingidos. Desse modo, espera-se que, para além do universo acadêmico, o produto encontre forte respaldo também como registro local.

8.Filmografia

CABRA MARCADO PARA MORRER. Direção de Eduardo Coutinho. Eduardo Coutinho Produções Cinematográficas, Mapa Filmes. 1984.

ENTREATOS. Direção de João Moreira Salles. VideoFilmes. 2004.

O FIM E O PRINCÍPIO. Direção de Eduardo Coutinho. 2006.

MEMÓRIAS DO RIO CACHOEIRA. Direção de Victor Aziz. Itabuna. 2011.

QUASE NADA. Direção de Sergio Rezende. Riofilme. 2000.

SANTIAGO. Direção de João Moreira Salles. Videofilmes Produções Artísticas Ltda. 2007.

VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO. Direção de Marcelo Gomes e Karim Ainouz. Espaço Filmes. 2009.

VOU RIFAR MEU CORAÇÃO. Direção de Ana Rieper. Vitrine Filmes. 2011.

9. Bibliografia

9.1 Livros, capítulos de livros, dissertações, monografias, artigos e jornais (material físico).

ALMEIDA, D. A. **O processo de construção de personagens em documentários de entrevista.** Intercom, Brasília. 2006.

BAUER, E.O. **A construção do afeto nos filmes “Nelson Freire” e “Santiago”, de João Moreira Salles.** Brasília, 2013. 117p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Comunicação - Universidade de Brasília.

DOMINGUES, R; Macri, Z. **Linguagem iconográfica e documentário em Palestina: uma nação ocupada.** 2012.

LINS, Consuelo e MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LISBOA, Severina Sarah. **Os Fatores Determinantes Dos Novos Movimentos Migratórios.** 2008

LISBOA, Severina Sarah. **Da Migração à Não Migração: o exemplo de pequenas cidades da Zona da Mata mineira.** 2008. 133f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** Campinas: Papyrus, 2005.

RODRIGUEZ, Angel. **A dimensão sonora da linguagem audiovisual.** São Paulo: Senac, 2006.

SARNO, Geraldo. **Quatro notas (e um depoimento) sobre o documentário.** Filme cultura, Rio de Janeiro, n. 44, abr.-ago. 1984. p. 61-64.

SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do Mundo.** São Paulo, Unesp, 1997.

_____. **O ouvido pensante.** São Paulo, Unesp, 1991.

SOUZA, Adriana Maricato de. **Câmera e vídeo na escola: quem conta o que sobre quem?.** Comunicação & Educação 10.1 (2008).

VALENTINETTI, Claudio. **O Cinema Segundo Eduardo Coutinho**. Brasília: M. Farani, 2003.

9.2 Material extraído da internet

Turismo em Belisário. Disponível em: <http://www.guiamuriae.com.br/secao/guia-turistico/roteiro-belisario>, acessado em 10/11/2012.

Em Belisário. Disponível em: <http://embelisariomg.blogspot.com.br/>, acessado em 15/01/2013.

BRISOLLA F. '**Filme de sucesso traumatiza**'. Folha de S. Paulo, Rio de Janeiro, 24 nov 2012. Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1190329-filme-de-sucesso-traumatiza-diz-o-cineasta-eduardo-coutinho.shtml>, acessado em 10/06/2013.

SALLES, Filipe. **Como se faz Cinema**. 2008. Disponível em: <http://labculturaviva.org/pontobrasil/materialdidatico/funcoesdeequipe.pdf>, acessado em 03/02/2013.

TOMAIM, Cássio. **Guia de como elaborar um projeto de documentário**. Disponível em:

http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.cesnors.ufsm.br%2Fprofessores%2Ftomaim%2FGuia%2520de%2520como%2520elaborar%2520um%2520Projeto%2520para%2520Do%20cumentario.doc&ei=ECyjUdPWPJLg8wSBhYCIDw&usg=AFQjCNGvtgkmVkHa4lgERIGvU8_KaDLaKg&bvm=bv.47008514,d.eWU&cad=rja, acessado em 20/01/2013.

DINES, Alberto. **Entrevista Eduardo Coutinho**. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/videos/view/entrevista_eduardo_coutinho, acessado em 15/01/2013.

VALENTE, Eduardo. **Entrevista com Eduardo Coutinho**. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/45/entrevistacoutinho.htm>, acessado em 15/01/2013.

ZANIN, Luiz. **Santiago: uma entrevista com João Moreira Salles**. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/luiz-zanin/title-519/>, acessado em 20/01/2013.

TV CÂMARA. **João Moreira Salles (informação x experiência)**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J6cjVR_tTxc, acessado em 20/01/2013.